

O ESPELHO EMBAÇADO

Melânia Silva de Aguiar

A leitura da carta não lhe trouxera nenhuma certeza, pelo contrário. As dúvidas persistiam mais fortes do que nunca, e jamais lhe parecera tão exata aquela afirmação: «As palavras foram feitas para encobrir o pensamento». O desajuste entre a ação e o dito ou às vezes o sugerido era desconcertante. Não havia harmonia possível. Uma afirmação hoje era perfeitamente desmentida no dia seguinte, não com palavras, é claro, mas com atos concretos, palpáveis. Isto era o que mais desorientava Marialva. Evidentemente as palavras eram mais aliciantes do que as ações, atraíam muito mais, e era muito mais sedutor acreditar nelas do que nos atos: frios, calculados, surpreendentes. Tomar uma decisão nestas condições era perigoso, corria-se o risco de cometer uma injustiça. Foi pensando nestes fatos que ela atravessou toda a praça, passou pelo palácio do governo sem reparar muito nas grades recentemente pintadas e no cheiro intenso que saía do jardim, naquele início de primavera. E quanto mais andava, mais forte se fazia em seu pensamento a convicção de que de um lado estava o mundo, a realidade, as coisas, e do outro, não somente em posição de diferenciação, mas de contraste, as palavras, o código, a mascarar, não a traduzir, o mundo. O exemplo dos gatos era por si só esclarecedor. Já não era possível conservá-los no apartamento; sujavam a casa toda, escondiam-se debaixo dos armários, metiam-se os dois entre a cortina e o forro, subindo até o teto, com os olhos muito abertos, numa estrepolia própria de criança. Eram engraçadinhos assim, mas as cortinas ameaçavam rasgar-se, as poltronas da sala estavam já

todas arranhadas, acusando a presença de suas garras, as plantas da sala de jantar amassadas e emurchecidas. As três crianças foram chamadas formalmente, colocou-se o problema da impossibilidade de se manterem os gatos em casa e tudo foi discutido muito diplomática e equilibradamente. E para surpresa de Marialva até aceitaram bem e com certa rapidez a sugestão dos mais velhos. Havia uma senhora conhecida — isto é o que foi dito — servente do grupo, que morava lá para os lados do Matadouro, que adorava gatos e tinha (imaginem o cuidado!) pequenas cestas de vime, onde os bichinhos dormiam. Não ficavam expostos ao tempo, não! Havia no quintal da casa, tosca mas ampla, uma cobertura comprida onde se guardava lenha, estendia-se roupa nos dias de chuva, e que era, além disto, local de despejo para certos trastes já fora de uso. Nestas cestas, espalhadas pela cobertura, dormiam os gatos da casa, e já se havia até reservado duas cestinhas para os novos moradores; isto, está claro, se os meninos concordassem em deixá-los ir. Nada seria feito sem o consentimento deles. Na hora em que Marialva citou as cestinhas da tal cobertura, o quintal amplo onde os gatos corriam e brincavam à vontade, os olhinhos dos três se iluminaram primeiro, para depois ganhar uma expressão de devaneio, sonhadora. Fizeram ainda algumas perguntas sobre as novas condições de existência dos bichinhos, e em seguida não só aceitaram, mas aplaudiram com entusiasmo a idéia de se realizar logo o projeto. Isto, bem entendido, se pudessem visitá-los pelo menos aos sábados. Tudo ficou estabelecido; as coisas, combinadas ao nível das palavras. Assim eles não assistiram à saída dos bichinhos no momento em que, agarrados e assustadíssimos, foram postos dentro do carro e levados para bem longe dali, bem longe. Durante o resto do dia, sentindo a falta dos bichos, as crianças fizeram muitas perguntas, queriam saber detalhes da saída, da chegada lá na nova casa, das reações. Evidentemente, dizia-se, tudo correria muito bem; na maior paz. Parecia até que eles, os gatos, esperavam por aquilo, tal a alegria com que saltavam no meio dos outros, correndo de um lado para outro, em toda a extensão do terreiro, felizes, libertos. E as crianças riam muito, tendo na imaginação a cena exata, preenchendo as lacunas do dito, enriquecendo a

significação das palavras escutadas. E ansiavam pela chegada do sábado, quando poderiam vê-los.

Marialva continuava sua marcha regular, só com seus pensamentos, apesar do tráfego intenso do seu lado, ela isolada do mundo na calçada larga da rua, os transeuntes passando apressados por ela. E a carta sempre lhe voltava ao pensamento, as letras muito grandes, escritas com tinta azul arroxeadada, separadas umas das outras como a revelar (ou esconder?) um à vontade muito grande no próprio ato de escrever. Podia até ver a distribuição das palavras na página branca. Lembrava-se nitidamente, por exemplo, de «a sua enorme sensibilidade me enriqueceu muito», ou «sem você é sempre como se estivesse só», numa sugestão de sofrimento, de lamento pelo bem perdido, de promessa, encobrindo — e só agora Marialva podia enxergar com clareza — a verdadeira causa do rompimento, ou seja, outros interesses, quem sabe outra mulher, o gosto de se sentir livre, irresponsável. Tão mais simples dizer isto, a verdade, e tão mais honroso para ela, que se sentiria nisto tudo adulta, a enxergar os fatos como eles são na realidade, sem mascaramentos enganosos, sem gestos dúbios, que funcionam como fonte de sofrimento muito maior do que a verdade adultamente revelada, mesmo se dolorosa. E se espantava de não ter entendido isto antes, agora que podia enxergar todos os pontos da seqüência, um a um, como numa narrativa em que os signos se distribuem ao longo das linhas, conduzindo a um desfecho único, sem outra qualquer saída ou possibilidade. Quando passou ao lado do campo de futebol, seus olhos não puderam deixar de ver, em letras enormes, ocupando pelo menos três metros de extensão do muro e todo o espaço de sua altura:

MAIS ESCOLAS, MAIS TRANSPORTES,

MAIS SAÚDE, MAIS ESPORTE.

Para Prefeito

FULANO DE TAL

Continuou o seu caminho, lembrando-se de que no dia em que os gatos foram levados de casa e postos na rua, o tempo estava, bem diferentemente do de hoje, embaçado e chuvoso. E que não tinha sido fácil deixá-los ali na esquina deserta, miando muito e arrepiados, estranhando o ambiente tão diverso daquele a que estavam habituados desde pequeninhos. Quando o carro partiu — Marialva lembrava-se nitidamente — a mulher da casa onde os bichinhos procuravam refúgio, tocara-os com uma vassoura enorme, surgindo de repente no jardim alagado da frente da casa, como se tivesse pressentido a invasão do domicílio. Lembrou-se ainda que à hora do almoço, quando chegaram à casa, as crianças lhe perguntaram como havia sido tudo, e ela mesma estranhou a naturalidade com que lhes contou que haviam ficado tão alegres na nova residência, que nem tomaram conhecimento da saída do carro e, ainda, que as tais cestinhas tinham ao fundo uma almofada forradinha de flanela, muito especial para os dias embaçados e chuvosos. As crianças fizeram muitas perguntas; todas foram respondidas satisfatoriamente. A noite a menina mais novinha teve saudades do seu gato e choramingou para dormir. A mãe conseguiu consolá-la, descrevendo-lhe outros detalhes da casa: os pés de goiaba, o galinheiro enorme, a casinha do cachorro. A menina quis saber se dona Maria, a servente, era gorda ou não. Foi-lhe dito que sim; gorda, corpulenta, os dentes muito brancos, sempre sorridente. E a criança dormiu em paz.

Já dobrando a esquina do quarteirão de sua casa, Marialva refez mentalmente o último encontro. Já fazia duas semanas; ficara combinado que ele telefonaria no dia seguinte para continuarem a conversa. Precisavam sem dúvida esclarecer muitos pontos; estava havendo um terrível mal-entendido; ele tinha estado viajando e os serviços se haviam acumulado de tal forma, que ele não sabia como ia dar conta de tudo a tempo, as encomendas prometidas, o tempo urgindo. Mas não havia dúvida; tudo seria esclarecido no dia seguinte; aliás, quando ele telefonou à tarde, convidando-a para saírem, pressentira mesmo qualquer coisa no ar, a voz dela não o recebera com a calma de sempre. Mas, no dia seguinte — agora já estava tarde — tudo seria esclarecido. E que ela não fizesse aquela expressão de desalento; tinham

muito o que conversar. Ela veria como nunca se poderia pôr em dúvida suas intenções, sua fidelidade. No dia seguinte, chegando do trabalho, à tardinha, recebeu da cozinheira a notícia de que ele telefonara pedindo-lhe que avisasse a ela, Marialva, que lhe aparecera uma viagem inesperada e urgente, inadiável, coisas de serviço. Marialva dormiu tentando acreditar, não podia ser mentira. A conversa viria noutro dia, que diferença fazia afinal? O que veio, uma semana depois, foi a carta. Com todos os «efes» e «erres», só que evidentemente nas entrelinhas, apenas visível a quem quisesse ver a realidade com lentes de microscópio. Nas linhas o que constava mesmo era aquela história da sensibilidade, do sentimento constante de solidão que só ela conseguia atenuar, o agradecimento — estranhíssimo — no final de tudo. Lembrava-se bem de como ficara perplexa, a carta aberta diante dos olhos, as pernas bambas, uma sensação de desfalecimento. Antes de subir os degraus da entrada, chegando em casa, ainda ouviu o rádio do apartamento da frente, exageradamente alto:

«... observou que, sendo um dos mais ardentes defensores dos direitos humanos, jamais poderia concordar, caso tivesse conhecimento, com qualquer ato de violência praticado em seu país».

Foi só quando abriu o portão do edifício, já entrando em casa, que na cabeça de Marialva, sem que ela mesma soubesse explicar por quê, surgiu aquela frase estranha, inesperada e intrigante: «Povo, mulher e criança, é tudo farinha do mesmo saco».